

*É proibida a entrada a quem não andar espantado de existir.*  
O engenho de reter o efémero para o recordar, sempre.  
Arquivos das Artes Performativas

Ana Vitorino<sup>a</sup>, Carlos Costa<sup>b</sup>, Daniela Fernandes<sup>c</sup>, Manuel  
Ferreira<sup>d</sup>

<sup>a,b</sup>Visões Úteis, Portugal, [anavitorino@visoesuteis.pt](mailto:anavitorino@visoesuteis.pt),  
[carloscosta@visoesuteis.pt](mailto:carloscosta@visoesuteis.pt) <sup>c,d</sup>Arquivo Histórico Municipal do Porto,  
Portugal, [danielafernandes@cm-porto.pt](mailto:danielafernandes@cm-porto.pt), [manuelfernando@cm-porto.pt](mailto:manuelfernando@cm-porto.pt)

---

## Resumo

Partindo das definições de *Arquivo* e de *Artes Performativas* propomos uma reflexão sobre a emergência de tratar os acervos produzidos por companhias de teatro, dança e circo, orquestras, encenadores, coreógrafos, compositores, etc., sediados nos nossos municípios e de como tratar estes arquivos nos obrigará a repensar conceitos, metodologias de trabalho e objetivos, sem comprometer a cientificidade arquivística, nem a essência e o *espanto* das *artes performativas*. A tomada de consciência para esta realidade surgiu com o pedido de apoio do *Visões Úteis, Associação* para que orientássemos o tratamento do seu arquivo. O Arquivo Municipal acedeu, convicto das sinergias que esta colaboração poderia produzir para as duas instituições, mas acima de tudo para os portuenses. Um caminho recente, que segue a salvaguardar a memória de uma instituição e, simultaneamente, a fazer a história da cidade.

**Palavras-chave:** Arquivo Municipal do Porto, Artes Performativas, Emergência, Imaterial, Tratamento arquivístico, Visões Úteis.

---

## Introdução

*«Espantava-me, por essa altura o design gráfico do passaporte português, em que os dados pessoais, vistos e carimbos, deslizavam sobre imagens de Fernando Pessoa e Camões. Perguntava-me se, algum dia, seria possível esse estatuto – em que a obra se funde com uma projetada ideia de identidade nacional – ser alcançado por alguém da área das artes performativas. E, sozinho, respondia a mim mesmo que não, porque para esse nível de inscrição, gráfica e social, era necessário uma memória,*

*impossível de assegurar perante obras que desaparecem num momento em que se consumam.»<sup>ii</sup>*

Foi desta forma que Carlos Costa, diretor artístico do Visões Úteis (VU), abordou a Divisão do Arquivo Histórico para partilhar as suas inquietações sobre como salvaguardar o arquivo da associação, que em 2024 completava 30 anos.

Nessa primeira reunião resultou claro, para ambas as partes, a emergência de trabalharem juntas. Se o VU precisava de orientação para tratar o seu acervo, o arquivo percebeu que esta realidade das artes performativas lhe escapava e, com ela, uma parte importante da história da cidade.

Para nós, Arquivo Histórico Municipal do Porto (AHMP), foi natural receber o projeto de orientar o tratamento de mais um arquivo privado da cidade.

A missão de qualquer arquivo municipal passa por promover a organização, o acesso e a difusão da informação produzida e acumulada pela autarquia. Informação essa, materializada em documentos, conservados a título temporário ou definitivo, quer pelo seu valor administrativo, quer pelo seu interesse histórico-cultural. Ao mesmo tempo, deve apoiar outras entidades, públicas ou privadas, na salvaguarda dos seus acervos, garantindo, desta forma, uma construção alargada da memória da cidade.

No nosso caso, o serviço de arquivo é responsável pela documentação do município desde a Idade Média, bem como de diversos arquivos de origem particular e coleções, totalizando 6 km/lineares no Arquivo Histórico e 13 km/lineares no Arquivo Geral.

Assim, sucederam-se várias reuniões e visitas exploratórias, onde fomos confrontados com a multiplicidade de suportes, objetos, versões documentadas e uma intensa produção de expressões criativas. Esta abundância de informação fez-nos a nós arquivistas, revisitarmos os conceitos base em arquivo e, simultaneamente, descobrir os que sustentam as artes performativas.

*Arquivo* é em primeiro lugar o testemunho da atividade de uma pessoa, individual ou coletiva, ao longo da sua existência, pelo que reflete a sua (des)organização interna, as funções que executa e respetivos mecanismos de produção e acumulação. Porém, o carácter polissémico da palavra - Arquivo - pode aludir a um serviço, a um edifício ou a ambos.

As *Artes performativas* identificam-se como sendo apresentações - *performances* - de dança, teatro, malabarismo, ilusionismo, música, *stand-up comedy*, funambulismo, canto, ... realizadas para um público. Sendo que «*performance é uma construção física e mental que o artista executa num determinado tempo e espaço, para uma audiência. É um diálogo de energia, em que plateia e artista constroem juntos a obra*»<sup>iii</sup> (Marina Abramović)

Ajajados os conceitos capitais de ambas as áreas, logo percebemos como se desarrumam mutuamente. Por isso, o desafio que tínhamos (e temos) é bem maior. Esse, que passa pela capacidade de reter (e descrever arquivisticamente) o efémero e o imaterial, que é a *obra* das artes performativas.

Em resumo, espera-nos o engenho de conciliar a descrição das *performances* e de todo o material em torno delas (pré, pós e com o espetáculo), sem lhes macular o espanto, construindo ferramentas que melhorem o registo e o acesso à informação para performistas,

arquivistas e toda a comunidade.

Benignamente *desassossegados*, arquivistas e direção artística do VU, fomos avançando em duas frentes:

- Desenhando uma estratégia de trabalho técnico, sem alocar diretamente recursos humanos da autarquia, para depois orientar o tratamento do acervo instalado na sede do VU, numa perspectiva integradora e prospectiva de, eventualmente, no futuro, acolher no AHMP o arquivo desta associação cultural da cidade.

- Cruzando estudos e projetos no âmbito das *artes performativas* que se têm ocupado com as questões de Arquivo, alguns dos quais muito recentes.

Um ano depois, são vários os resultados já alcançados. Porém, o mais importante é o tanto que temos alargado o *olhar*, num diálogo operativo, que expande conceitos, estimula o engenho de adotar novas ferramentas metodológicas, ousa criar catálogos e inventários de (e)ventos, oferece melhor matéria-prima para *reenactments*.

Certos que é neste *desassossego* que o caminho se fará sereno, seguiremos juntos e com todos os que se juntem na mesma caminhada, acreditando que a Arte «*mora na mesma rua que a Vida (...) [aliviando-a] sem aliviar de viver*».<sup>iv</sup>

De tudo isto se fará este artigo.

### **Recuperar o passado - proémio de um projeto de tratamento arquivístico**

Completar 30 anos de *porta aberta* numa instituição cultural é um marco importante, um momento de balanço, de olhar para trás, para tudo quanto foi realizado. Este exercício, relativamente fácil para a maioria das atividades humanas que deixam rasto, registos num qualquer suporte, torna-se desafio maior no caso das *artes performativas*.

Desde logo porque qualquer *performance* é, na sua essência, «*um acto de desaparecimento*» (Rebecca Schneider, 2011), por estar intimamente associado à ideia de imaterialidade e da circunstância do «*ao vivo*». Depois, porque na maioria das vezes estes eventos, apesar de gerarem uma abundante produção documental - guiões, traduções, cartazes, bilhetes, folhas de sala, etc. – esgotam a sua utilidade mal são consumidos, pelo que nem os suportes têm qualidade para perdurar, nem é sentida a necessidade/cuidado de guardar alguns exemplares para memória.

Por outro lado, ao utilizarem uma multiplicidade de formatos, materiais e tecnologias, dificultam a tarefa de as descrever, por apontarem para características e critérios muito diferenciados e por requererem um articulado normativo alargado. Acresce que, muitos objetos, sendo reutilizados em vários espetáculos, não têm carga de pertença, não se encerram em nenhuma apresentação em particular, obrigando, assim, a um tratamento desdobrado. Por último, as *performances*, frequentemente, ocorrem apenas uma vez, criando uma verdadeira vertigem de tempo para reter as suas *formas*, a sua existência.

Esta carga de efemeridade compromete não só a capacidade de fixar a produção das artes performativas (a descrição), mas também a preservação dos acervos produzidos (documental, cenográfico, sonoro, fotográfico, guarda-roupa, ...).

Desta feita é com agrado que verificamos que o VU possui um arquivo rico, pronto para ser tratado, capaz de ser recurso central da gestão, partilhável com a comunidade, garante da sua existência, memória e identidade e, ainda, um *estudo de caso* no tratamento de arquivos de artes performativas.

Neste contexto o VU desenhou um projeto, a três anos (2024-2026), para tratar o seu arquivo no qual envolveu o AHMP.

Conscientes da impossibilidade de afetar, a tempo inteiro, recursos humanos da autarquia no tratamento deste arquivo particular, nem recorrer à equipa do VU, por falta de formação específica e de tempo, o AHMP e o VU delinearão uma estratégia de ação que avançou com a proposta e candidatura do VU a entidade acolhedora de estágios, da *Licenciatura em Ciência da Informação*, da Universidade do Porto.

Aceite a candidatura e encontrado o aluno que selecionou o VU como entidade onde gostaria de desenvolver o seu trabalho de projeto, definiram-se as principais *questões de partida* e os objetivos do estágio, tendo em conta que o aluno era finalista e a duração do estágio era de 245 horas.

#### *As questões de partida*

- As artes performativas, na essência da sua efemeridade, podem perpetuar-se no tempo?
- Como organizar o arquivo produzido no âmbito das artes performativas?  
(atendendo à multiplicidade de suportes, fases de trabalho – processo de criação, preparação, promoção, atuação, testemunho)
- Qual a pertinência de organizar o arquivo produzido no âmbito das artes performativas?
  - Para utilização administrativa?
  - Para reutilização criativa?
  - Para memória?
- Que identidade para o *Visões Úteis*? Missão, pegada, memória?

#### *Objetivos do estágio*

- Levantar, sistematizar e documentar a missão e atividades do *Visões Úteis*, ao longo da sua existência;
- Analisar as ferramentas e o modo de organização da informação diária da associação, identificando possíveis processos críticos;
- Modelar a informação orgânico-funcional;
- Iniciar o recenseamento documental (papel, digital e artefactos);
- Elaborar o inventário arquivístico de uma das unidades orgânicas;

#### *O Estágio*

Cientes de que este estágio seria o primeiro passo no tratamento efetivo do Arquivo do VU,

ainda que condicionado às premissas de um relatório final de licenciatura, a maior preocupação foi desenhar um plano que permitisse dar experiência prática e consistência teórica ao estagiário e, simultaneamente, pudesse ser continuado a outras mãos, nas fases seguintes.

Desta forma, estabeleceu-se um guião, apresentado e discutido com a equipa do VU e o estagiário:

I. Revisão de literatura e levantamento do *estado da arte* dos arquivos das Artes Performativas, quer para identificar projetos de investigação nesta área, avaliando o seu *foco*, estágio de desenvolvimento e impacto de resultados, quer para localizar exemplos concretos de arquivos das Artes Performativas tratados arquivisticamente e já disponíveis ao público.

II. Levantamento e análise da estrutura interna da organização e da sua evolução, identificação das ferramentas e processos de trabalho, reconhecimento dos mecanismos que documentam as suas atividades.

III. Dimensionamento do universo material a tratar (documental e artefactos), seleção do segmento a descrever arquivisticamente (com base nas prioridades do VU e na duração do estágio), definição do modelo de recenseamento e do nível de descrição a efetuar, bem como do respetivo instrumento de recuperação da informação a construir.

IV. Eleição do método quadripolar como ferramenta metodológica de base.

O estágio decorreu de forma tranquila, com o acompanhamento da equipa do VU, da orientadora da Universidade e em articulação com a equipa do AHMP. Com grande autonomia de ação/investigação, espírito crítico, com uma profunda reflexão dialética e partilhada de saberes, o estagiário foi percorrendo o guião, selecionando as metodologias, modelos, estudos de caso semelhantes, esquemas de normalização e ferramentas de trabalho, sempre debatidas em reunião.

Relativamente ao ponto I, identificaram-se alguns exemplos de arquivos de artes performativas com presença online, consultando-se: *Performing Arts Archive* (University of Minnesota), *Bayles- Yager Online Archives of the Performing Arts* e *Les Archives du Spectacle*.

Estes exemplos foram analisados em termos de usabilidade, eficiência e estética, destacando-se da Universidade do Minesota, nos três parâmetros: a integração no portal da Universidade, a organização dos conteúdos orientados ao utilizador, a grande simplicidade da interface de pesquisa e a descrição arquivística multinível justificaram essa avaliação.

Este exercício foi também útil no momento de avaliarmos o site do VU. Na verdade sendo um site sem qualquer pretensão arquivística, reúne de forma estruturada as principais criações artísticas, ao mesmo tempo que as publicita e as relata depois de acontecerem. Trata-se, cada vez mais, de um instrumento centralizador e catalisador de informação.

De igual modo analisaram-se alguns exemplos de instrumentos de recuperação arquivísticos, relativos a acervos no âmbito das artes performativas, percebendo-se que todos eles elegeram o nível de descrição – série – onde o detalhe de análise é profundo, o mais adequado à abordagem destas situações.

Foram (re)visitados os inventários das seguintes companhias de teatro: *O Inventario do Arquivo do Teatro Rivoli* (Resende, 1997), *o Inventario do Teatro da Barra* (DePaula, 2011) e *o Inventário do Subfundo do Teatro Stephens* (Marinha Grande, 2013)<sup>y</sup>

Esta pesquisa foi inspiradora para o desenvolvimento sustentado do trabalho prático, quer de levantamento e modelação da estrutura orgânico-funcional do VU, quer na escolha do nível de descrição e do quadro normativo a usar, ou ainda no modo de apresentação dos dados. Assim, as opções metodológicas tomadas no âmbito dos polos técnico e morfológico são as mesmas defendidas nos exemplos (re)visitados.

No que toca ao ponto II, a recolha de dados foi efetuada recorrendo ao método qualitativo – entrevista - e os resultados obtidos modelados em software específico.

Construíram-se seis organogramas, bem como foi possível caracterizar funcionalmente cada unidade orgânica e desenhar os processos de trabalho estruturais. De igual modo, identificaram-se os principais mecanismos para documentar as atividades.

No que concerne ao ponto III, depois de avaliada a dimensão e a variedade de suportes e formatos do acervo e, considerando a duração e a premissas do estágio, optou-se por limitar o tratamento arquivístico à produção da subsecção *Criações e Programação*.

Para esta tarefa foi usado o quadro normativo nacional e internacional, nomeadamente, *General International Standard Archival Description - ISAD(G)* e *International Standard Archival Authority Record for Corporate Bodies, Persons and Families - ISAAR(CPF)* e as *Orientações para a Descrição Arquivística – ODA*.

Quer a descrição quer o recenseamento foram realizados usando um ficheiro standard, preparado pelo AHMP, para permitir uma eventual integração no arquivo da autarquia.

À semelhança dos exemplos consultados optou-se por descrever ao nível de série, recolhendo a quase totalidade dos campos oferecidos pela ISAD(G). Destes, nove possuíam listas controladas, herdadas do aplicativo do município.

A identificação e descrição das séries teve por base a informação disponibilizada no site do VU e o recenseamento feito à documentação em papel, cassetes VHS, DVD, CD, fotografias.

A opção de recorrer ao site do VU, prende-se com o facto de, desde Setembro de 2021, este reunir os processos criativos (Guiões, Traduções, ...) e uma parte das produções artísticas. Na verdade, a partir da década de 10 deste século a produção nado-digital passou a ser a norma, pelo que esta informação deixou de se guardar em suportes físicos locais, passando a estar disponível em plataformas de partilha de conteúdos (Youtube e Vimeo) e estruturada no site (*Repositório e Criações*).

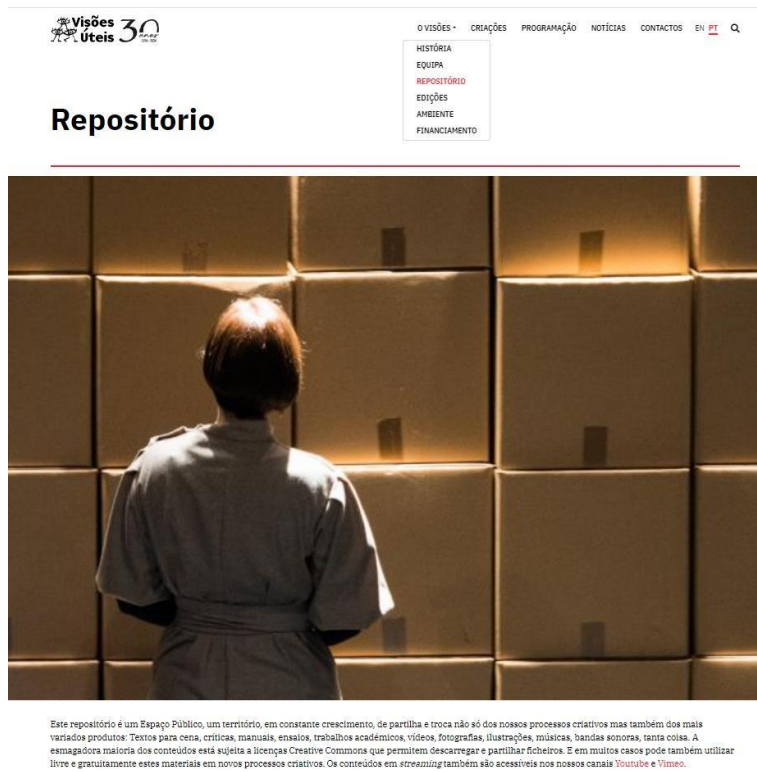


Figura 1: Site do Visões Úteis

## Resultados

- Modelação da estrutura orgânica do VU (1994-2024);
- Inventário da subsecção: *Criações e Programação*;
- Recenseamento da documentação física da subsecção: *Criações e Programação*.

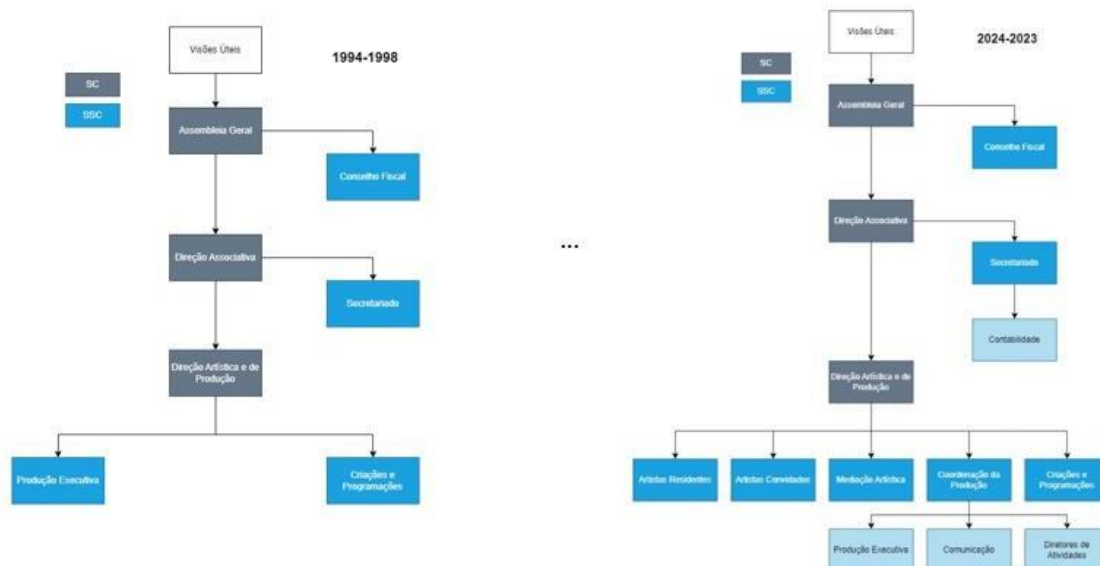


Figura 2: Organogramas Visões Úteis (dois exemplos)

## SC. Direção Artística e de Produção

### SSC. Criação e Programação (CPR)

Esta subsecção enquadra-se na parte funcional da VU.

Na vertente da **Criação**, a VU desenvolve uma vasta gama de projetos artísticos. Desde espetáculos teatrais e cinematográficos, passando por performances que envolvem diretamente a comunidade, até intervenções em paisagens naturais que integram o ambiente como elemento artístico, além disso, valorizamos a prática como investigação, onde a experimentação e a prática contínua são utilizadas como métodos de pesquisa para explorar novas fronteiras artísticas. Paralelamente, a **Programação** abrange atividades de formação, investigação e parcerias que visam o desenvolvimento de competências e a inovação no campo das artes. Através de workshops, cursos e projetos de pesquisa, promovemos a educação da comunidade. As parcerias com outras instituições proporcionam maior visibilidade e permitem a realização de projetos de dimensão maior. A VU garante grande importância ao território onde estão inseridos, desenvolvendo iniciativas que o valorizam em termos culturais, históricas e naturais.

Futuramente (a partir de 2024), há a possibilidade desta subsecção se dividir, originando 2 subsecções. Isto pode acontecer, pois o levantamento de unidades de instalação ainda não foi concluído, após ter uma visão mais completa é necessário repensar e concluir se esta subsecção irá permanecer como está ou se deve ser alterada.

SR:

001-Textos Originais (2000-2021)

Coleção de texto (guiões) originais, produzidos pela VU, de espetáculos.

002-Traduções (2002-2009)

Coleção de textos (guiões) de espetáculos traduzidos pela VU.

003-Adaptações (1999-2007)

Coleção de textos (guiões) de espetáculos adaptados pela VU.

21

Figura 3: Inventário da subsecção: Criações e Programação

A	B	D	I	M	Q	W	Z	AD	AE	AG	AH	AI	AJ	AK	AL	AM
Identificador	Nível	Título	Análise	Ano/In	Dimensão	Tipologia	Conteúdo/Informacional	Tradicional/Documental	Idioma	Condições/Reprodução	Língua	Alfabeto	Forma/Supporte	Material/Supporte	Técnica/Registo	Estado/Conservação
1	WUDAP/PR/TOR	Série	Textos Originais	2000-2021	28 itens	Guiões para	Textos das peças (28) Seta Galvotas, Ota	Original	Cronológico	Qualquer tipo de	Português	Latim	Outra	Outro	Outra	Bom
2	WUDAP/PR/TRA	Série	Traduções	2002-2009	3 itens	Guiões trad	Guiões para cena (3) traduzidos a partir	Original	Cronológico	Todos os originais	Português	Latim	Outra	Outro	Outra	Bom
3	WUDAP/PR/ADA	Série	Adaptações	1999-2007	3 itens	Guiões adapt	Guiões para cena (3) adaptados a partir	Original	Cronológico	Todos os originais	Português	Latim	Outra	Outro	Outra	Bom
4	WUDAP/PR/VID	Série	Textos críticos, ensaios e entrevistas	2002-2021	21 itens	Textos crítico	entrevistas (21) de produção interna e	Original	Aleatória	que encontra aqui	Português	Latim	Outra	Outro	Outra	Bom
5	WUDAP/PR/VID	Série	Textos críticos, ensaios e entrevistas	2002-2021	21 itens	Textos crítico	entrevistas (21) de produção interna e	Original	Aleatória	que encontra aqui	Português	Latim	Outra	Outro	Outra	Bom
6	WUDAP/PR/VID	Série	Textos críticos, ensaios e entrevistas	2002-2021	21 itens	Textos crítico	entrevistas (21) de produção interna e	Original	Aleatória	que encontra aqui	Português	Latim	Outra	Outro	Outra	Bom
7	WUDAP/PR/VID/RPC	Subsérie	Registo do processo criativo	2002-2009	6 vídeos	Vídeos	Vídeos (6) do processo criativo acerca de	Original	Aleatória		Português	Latim	Cassete e disco	Outro	Audiovisual	Bom
8	WUDAP/PR/VID/RPC	Subsérie	Materiais para cena	2002-2009	25 vídeos	Vídeos	Vídeos (25) gravados em determinadas	Original	Aleatória		Português	Latim	Cassete e disco	Outro	Audiovisual	Bom
9	WUDAP/PR/VID/REP	Subsérie	Reportagens	2002-2009	3 vídeos	Vídeos	Reportagens (3) relacionadas aos	Original	Aleatória		Português	Latim	Cassete e disco	Outro	Audiovisual	Bom
10	WUDAP/PR/VID/MDO	Subsérie	Materiais de Outros	2002-2009	14 vídeos	Vídeos	Vídeos de terceiros (14), inclui: "3"	Original	Aleatória		Português	Latim	Cassete e disco	Outro	Audiovisual	Bom
11	WUDAP/PR/VID/FIL	Subsérie	Filmes (completo)	2002-2009	24 vídeos	Vídeos	Filmes (24) completos da autoria da VU	Original	Aleatória		Português	Latim	Cassete e disco	Outro	Audiovisual	Bom
12	WUDAP/PR/VID/DIV	Subsérie	Divulgação	2002-2009	24 vídeos	Vídeos	Filmes (24) completos da autoria da VU	Original	Aleatória		Português	Latim	Cassete e disco	Outro	Audiovisual	Bom
13	WUDAP/PR/VID/RDE	Subsérie	Registo do Espetáculo (completo)	2002-2009	106 vídeos	Vídeos	Vídeos (106) do espetáculo completo	Original	Aleatória		Português	Latim	Cassete e disco	Outro	Audiovisual	Bom
14	WUDAP/PR/VID/TRL	Subsérie	Trailers	2002-2009	49 vídeos	Vídeos	Trailers (49) relativamente a: Os Ossos de	Original	Aleatória		Português	Latim	Outra	Outro	Audiovisual	Bom
15	WUDAP/PR/SON	Série	Sons	2002-2009	106 itens	Banda sonora	Banda sonora (106) de audiovisuais e	Original	Aleatória	Todas as bandas	Português	Latim	Outra	Outro	Audio	Bom
16	WUDAP/PR/FNF	Série	Fotografias e Narrativas Fotográficas	2002-2009	102 itens	Fotografias	Vídeo montagem de fotografias de	Original	Aleatória	Todos os originais	Português	Latim	Outra	Outro	Fotografia	Bom
17	WUDAP/PR/IMI	Série	Imagens e Ilustrações	2002-2009	102 itens	Fotografias	Montagens, ilustrações e desenhos	Original	Aleatória	Todos os originais	Português	Latim	Outra	Outro	Fotografia	Bom
18	WUDAP/PR/IMP	Série	Recortes de imprensa e programas de espetáculo	1999-2020	102 itens	Textos	Recortes de jornais e programas de	Original	Aleatória		Português	Latim	Folhas	Papel	Impresso	Bom
19	WUDAP/PR/PUB	Série	Publicações (livros e CDs)	1999-2020	102 itens	Livros e CDs	Livros e CDs produzidos pela VU	Original	Aleatória		Português	Latim	Livro e disco	Outro	Impresso	Bom
20	WUDAP/PR/POS	Série	Posteres	1999-2020	102 itens	Posteres	Posteres de espetáculos	Original	Aleatória		Português	Latim	Rolo	Papel	Impresso	Bom

Figura 4: Excerto da FRD de Recenseamento

## **Agarrar o futuro - parar de *correr atrás do prejuízo***

Em pouco mais de um ano são simpáticos os resultados obtidos.

Temos levantado o quadro orgânico-funcional, o Inventário da subseção *Criações e Programação* e está recenseada a documentação, em suporte físico, produzida pela mesma unidade orgânica. Está montada e testada a estrutura, restará agora encontrar os recursos humanos certos e o processo seguirá.

Mas será isto suficiente? Estaremos assim a salvaguardar o que de facto interessa ao que às *Artes Performativas* diz respeito? De que se fazem os arquivos das *Artes Performativas*?

Voltemos à definição:

*A «performance é uma construção física e mental que o artista executa num determinado tempo e espaço, para uma audiência. É um diálogo de energia, em que plateia e artista constroem juntos a obra»* (Marina Abramovic)

Voltar a esta definição é regressar ao desassossego entusiasmado de ver dilatar a noção de Arquivo e perceber o quanto temos de evoluir para, efetivamente, sermos capazes de reter o efémero e o imaterial, pois sem isso fuge-nos o que é verdadeiramente a *obra* das artes performativas.

Descrever o *imaterial* parece desalinhar o nosso conceito de *Arquivo*, desde sempre tão agarrado à questão do suporte. Mas não nos pode impedir de seguir, antes, deve ser encarado como um desafio urgente, mais ainda neste tempo em que o digital ganha novas formas, com a Inteligência Artificial e a Realidade Aumentada.

Cabe-nos depurar os conceitos, delimitar os objetivos das práticas de trabalho e dos instrumentos de descrição que construímos, repensar as formas e os momentos em que colhemos/registamos a metainformação descritiva, afinar a informação que verdadeiramente interessa, aproveitando a evolução da tecnologia e dos mecanismos de recolha e de tratamento de dados.

À semelhança do que propunha Lucien Febvre, em 1956, relativamente à história e aos historiadores, «*A história faz-se com documentos escritos.(...) Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não os houver. (...) tudo o que o engenho do historiador pode utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. (...) Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao Homem, serve o Homem, exprime o Homem, significa a presença, a atividade, os gostos e a maneira de ser do Homem*»<sup>vi</sup> também o arquivista tem de se reinventar para acompanhar a evolução e conseguir preservar a informação, independentemente da técnica de registo, da tecnologia base, do tipo de suporte ou mesmo na ausência destes.

É urgente tomar medidas que permitam registar/descrever o espetáculo em si mesmo, de forma normalizada, colhendo toda a informação que responda às necessidades, em primeiro lugar, da entidade produtora (encenadores, compositores, bailarinos, performistas, ...) que contemple não só a descrição da *dramaturgia*, toda a materialidade usada na performance (cenário, figurinos, luzes, som, ...), a *intencionalidade* da performance, como também o efeito da atuação no público, esse

«diálogo de energia» que se estabelece entre a plateia e o artista.

Ora o desafio de registar toda esta informação, em tempo útil, mostra que o caminho passa por definir o momento em que esta deve ocorrer e quem tem mais capacidade e sensibilidade para o fazer. Julgamos que aqui reside o sucesso desta nova forma *de pensar e fazer* arquivo.

A proposta que trazemos é a de que esta descrição seja feita na produção, logo após o espetáculo, quando tudo é conhecido e rastreável. Por e quando coreógrafos, atores, músicos, performistas, ..., sabem o que *sonharam*, o que (o)usaram, como correu.

O inquérito feito, em 2016, a compositores nacionais sobre as práticas arquivísticas e de preservação do património musical contemporâneo, mostrou que a maioria entende a pertinência de o fazer(em) mas “*não possuem os recursos humanos e financeiros, o conhecimento técnico necessário, nem o tempo indispensável para a manutenção dos seus arquivos pessoais e para a documentação das suas criações*”.<sup>vii</sup>

Por isso urge disponibilizar ferramentas tecnológicas de registo, simultaneamente, normalizadas e ergonómicas. Fáceis de usar no registo inicial - na descrição do espetáculo – como depois, para descrever toda a materialidade que envolve uma *performance* (documentos, objetos, fotografias, etc.), como ainda, num segundo momento, para pesquisar e recuperar informação, seja para auxiliar a gestão de recursos, seja para reutilizar em novas criações artísticas.

Só assim, atuando na produção, conseguiremos ter capacidade de reter (e descrever arquivisticamente), a *performance*, simultaneamente, efémera e imaterial que é a *obra* das artes performativas. Só assim, verdadeiramente, deixaremos *de correr atrás do prejuízo!*

É, portanto, necessária uma nova política cultural que desencadeie, no mundo das artes performativas, disponibilidade e vontade para registar as suas *obras* e, no mundo dos arquivos, dinâmicas criativas que ousem novas ontologias, para desenhar ferramentas de trabalho (conceptuais, normativas e tecnológicas), adaptadas às necessidades destes acervos, em paralelo com a criação de uma rede de apoio arquivístico efetivo aos produtores artísticos.

Um trabalho conjunto de artistas e arquivistas, que entrelace conhecimentos, princípios e metodologias, que desenvolva sensibilidade e saber, que integre, que construa um corpo comum. Que seja capaz de acolher normalização e criatividade, avançando, por exemplo, com o estudo de novos campos de metainformação descritiva. Mais assertivos, capazes de recolher os elementos que verdadeiramente interessem a estes profissionais, pois o arquivo é antes de mais *um sistema (semi-) fechado de informação social*, isto é, nasce para responder (em primeira mão) ao seu produtor e só depois se abre ao outro, à comunidade. Por outro lado, deverá ser tangível traçar procedimentos e implementar boas práticas arquivísticas junto dos profissionais das artes performativas.

Uma política a duas escalas, comunicantes entre si. Uma de implantação local, aproximando arquivos municipais das entidades de artes performativas residentes e outra, nacional, entre os organismos que tutelam as duas áreas, Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB) e Direção-Geral das Artes (DGArtes). Em simultâneo com um conjunto de incentivos - diretamente financeiros, fiscais, materiais ou através da afetação de recursos humanos especializados - que fomentem a participação de todos. Criar, no seio do

Ministério da Cultura, um grupo de trabalho para a promoção de práticas de arquivo das artes performativas; este grupo integraria representantes da DGArtes, DGLAB, dos Arquivos Municipais, da academia e do setor profissional.

## Conclusão

Falamos de uma quimera? Não! O trabalho conjunto desenvolvido entre AHMP e VU é uma prova de que é possível.

Tanto quanto os *Guias de boas práticas para a gestão de documentos das associações de Cultura, Recreio e Desporto*, da DGLAB, nas edições de 2019, para *documentos de uso corrente* e na de 2024 para *documentos de conservação permanente*, são exemplo do que do lado da tutela dos Arquivos se tem feito.

Do lado das *artes performativas*, encontramos também um conjunto de iniciativas que nos mostram que o caminho de ambas as partes já começou, como revelam os seguintes projetos:

2017 | Seminário Internacional - Práticas de Arquivo em Artes Performativas / Organização: CEIS20/Universidade de Coimbra, Instituto de História da Arte - FCSH NOVA I.<sup>viii</sup> Este seminário promoveu a reflexão sobre as práticas de arquivo em artes performativas.

2017 | Performance - Teoria 5S - É simples: Se isto fosse explodir tudo e tivesses um minuto para agarrar qualquer coisa para salvar, o que é que salvavas?<sup>ix</sup> / Visões Úteis. Este espetáculo explora o dilema entre o que constitui arquivo e o que pode/deve ser eliminado.

2020 | Livro - Práticas de Arquivo em Artes Performativas / Cláudia Madeira, Fernando Matos Oliveira, Hélia Marçal. Este livro colige 24 textos sobre a relação entre o arquivo e as artes performativas. Um «*olhar panorâmico (...) sobre as práticas de arquivo, em diversas inscrições disciplinares (performance, dança, teatro, música), em contexto nacional e em diálogo internacional.*»<sup>x</sup>

2021 | Programa de apoio em parceria - Arquivos de Dança, Teatro e Cruzamento Disciplinar/ Direção Geral das Artes | 350 000,00€ | 12 meses. De salientar que este programa apoiou 20 dos 28 projetos apresentados, dos quais 10 receberam 20 000,00 €, a saber:<sup>xi</sup>

### Norte

- *TEP - Um Arquivo Vivo*
- *Marionetas do Porto: acervo, testemunho e partilha de um percurso ligado à criação contemporânea*

### Centro

- *Centro de Documentação e Informação da Cena Lusófona*
- *O que guardas cá dentro - Arquivos Vivos de Teatro e Educação*

### Área Metropolitana de Lisboa

- *Arquivo Teatro Aberto*
- *A Barraca - historial da atividade artística*

- *Arquivo do Inconsciente*
- *Memorial do Chapitô*
- *Companhia de Teatro de Almada*
- *Acervo de Filipe Crawford - carreira e contributos para o Teatro de Máscaras em Portugal (1976-2021)*

2021-2024 | Projeto financiado - Projeto ARTHE – Arquivar Teatro / Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/ART-PER/1651/2021) | 246 446,28€ | Unidade de Investigação: CET – Centro de Estudos de Teatro, Maria João Brilhante, Ana Bigotte Vieira | 36 meses. Este projeto propôs-se identificar, mapear e estudar a situação dos arquivos de teatro em Portugal. Partiu da análise dos arquivos doados ao CET, do *Teatro da Cornucópia* e do *Arquivo de Mário Barradas*, para aprofundar o conhecimento na área das políticas de conservação, promoção e acessibilidade destes arquivos. Tem em produção um *Guia de Práticas Arquivísticas em Artes Performativas*, cuja proposta inicial foi apresentada em março de 2024.<sup>xii</sup>

2023 | Performance - REENACT NOW - "Ibéria Sector 5" / Visões Úteis. Este espetáculo constitui um ensaio no âmbito dos reenactments - *metodologia de trabalho de etnógrafos e antropólogos* – que, partindo do material existente em Arquivo produz um novo espetáculo.

2024 | Livro - REENACT NOW - "Ibéria Sector 5" / Visões Úteis. Este livro colige oito textos sobre a experiência de reenactment do "Ibéria Sector 5", um espetáculo levado a palco em 1980.

Apresentados, em resumo, os projetos desenvolvidos do lado das *Artes Performativas*, sabendo, inclusivé, que têm em produção, até ao final de 2024, o *Guia de Práticas Arquivísticas em Artes Performativas*, no mesmo ano em que a DGLAB publicou o *Guia de boas práticas para a gestão de documentos de conservação permanente das associações de Cultura (...)*, julgamos ser o momento certo para dar início a um trabalho conjunto efetivo, a *compor* numa partitura só!

Terminamos com a esperança de que, após o espanto inicial, esta reflexão desinquieta o suficiente os arquivos municipais e os criadores artísticos para aderirem a esta nova forma de *pensar e fazer* arquivo.

Afinal, tal como Pessoa «*somos dois abismos: um poço fitando o [mesmo] céu*»<sup>xiii</sup>

## Referências bibliográficas

Abramović, Marina. (2015). *Uma arte feita de confiança, vulnerabilidade e ligação*. TED Talks. TED - Technology, Entertainment and Design.  
[https://www.ted.com/talks/marina\\_abramovic\\_an\\_art\\_made\\_of\\_trust\\_vulnerability\\_and\\_connection/transcript?subtitle=en&language=pt](https://www.ted.com/talks/marina_abramovic_an_art_made_of_trust_vulnerability_and_connection/transcript?subtitle=en&language=pt).

Ciência da informação : contributos para o seu estudo. (2012). Dir. Judite A. Gonçalves de Freitas; eds. Luís Borges Gouveia, António Borges Regedor. Univ. Fernando Pessoa. ISBN

978-989-643-090-0

Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas. (2002). *ISAD(G): Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística: adoptada pelo Comité de Normas de Descrição*. 2ª ed. Instituto dos Arquivos Nacionais/ Torre do Tombo. <http://arquivos.pt/wp-content/uploads/sites/11/2010/08/isadg.pdf>.

Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas. (2004). *ISAAR(CPF): Norma Internacional de Registos de Autoridade Arquivística para Pessoas*. 2ª ed. Instituto dos Arquivos Nacionais/ Torre do Tombo. <https://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2008/09/isaar.pdf>.

Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas. (2007). *Orientações para a Descrição Arquivística - segunda versão*. 2ª v. DGARQ. [https://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2008/09/oda1\\_2\\_3.pdf](https://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2008/09/oda1_2_3.pdf).

Práticas de Arquivo em Artes Performativas. (2019). Coord. Cláudia Madeira, Fernando Matos Oliveira, Hélia Marçal. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019. ISBN 978-989-26- 1953-8.

Reenact now: Ibéria Sector 5 .(1980-2023). Coord. Carlos Costa, Carlota Castro, Fernando Matos Oliveira. Afrontamento, D.L. ISBN 978-972-36-2048-1

Schneider, Rebecca. (2011). *Performing Remains : Art and War in Times of Theatrical Reenactment*. Routledge.

Silva, Armando Malheiro da, et al. (1998). *Arquivística : teoria e prática de uma ciência da informação*, Volume 1. Afrontamento, ISBN 972-36-0483-3.

---

<sup>i</sup> Ferreira, José Gomes. (1963). *Aventuras de João Sem Medo : panfleto mágico em forma de romance*. 40ª ed. D. Quixote, 2017. ISBN 978-972-20-5343-3.

<sup>ii</sup> Costa, Carlos. (2023) - O que devemos ao futuro. In *Ibéria : Sector 5 (1980/2023)*. Edições Afrontamento-ISBN: 978-972-36-2048-1. p.23

<sup>iii</sup> SP-Arte– Festival Internacional de Arte de São Paulo. (2005). *Mas, afinal, o que é uma performance?* SP–Arte, São Paulo. <https://www.sp-arte.com/en/editorial/mas-afinal-o-que-e-uma-performance/>.

<sup>iv</sup> Pessoa, Fernando. (1982). *Livro do desassossego : composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*. Ed. Richard Zenith. 11ª ed. Assírio & Alvim. ISBN 978-972-0-78330-1.

<sup>v</sup> Silva, Maria Dias da. (2024). *Tratamento do Arquivo do Visões Úteis, Associação*. Universidade do Porto, pág. 17. Relatório de projeto final da licenciatura em Ciência da Informação.

<sup>vi</sup> Castro, Carlota. (2023). Fragmentos de um diário de bordo para (des)nortear a memória. In *Ibéria : Sector 5 (1980/2023)*. Edições Afrontamento. ISBN: 978-972-36-2048-1. p.38.

<sup>vii</sup> Nogueira, Andreia. (2019). A (in)existência de práticas de arquivo em âmbito musical. O caso dos compositores contemporâneos nacionais. in *Práticas de Arquivo em Artes Performativas*, Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra. ISBN 978-989-26- 1953-8. p. 352.

<sup>viii</sup> AH-Artes e Humanidades. (2007). Seminário Internacional Práticas de Arquivo em Artes Performativas - 16, 17 e 18 de novembro de 2017, TAGV (Coimbra) e TNSJ (Porto). AH – Artes e Humanidades, Porto. <https://www.muralsonoro.com/mural-sonoro-pt/2017/10/19/seminario-internacional-prticas-de-arquivo-em-artes-performativas-16-17-e-18-de-novembro-de-2017-tagv-coimbra-e-tnsj-porto>

<sup>ix</sup> Visões Úteis. (2021). *Teoria 5S. Visões Úteis*. <https://visoesuteis.pt/pt/criacao/teoria-5s>.

<sup>x</sup> Imprensa da Universidade de Coimbra. (2020). *Práticas de Arquivo em Artes Performativas*. Imprensa da

Universidade de Coimbra,. <https://livrariadaimpresa.uc.pt/produto/praticas-de-arquivo-em-artes-performativas/>.

<sup>xi</sup>Direção-Geral das Artes. (2021). Programa de Apoio em Parceria – Arquivos de Dança, Teatro e cruzamento Disciplinar. <https://www.dgartes.gov.pt/pt/apoio/4221>.

<sup>xii</sup>Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. (2020). ARTHE-Arquivar Teatro. 2021,. <https://ceteatro.pt/projecto/arquivar-teatro/>.

<sup>xiii</sup>Pessoa, Fernando. (1982). Livro do desassossego : composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Ed. Richard Zenith. 11ª ed. Assírio & Alvim. ISBN 978-972-0-78330-1.

